

Â

Â«A mÃ- tampoco me gusta, hay otras cosas  
mÃ;s allÃ de este disparate Â» , decÃ-a Marianne  
Moore de la poesÃ-a. Sin embargo, lograba  
ver mitocondrias y las demÃs  
pequeÃ±as vidas â€”con la mirada fija  
en la diminuta mancha de acuarela  
comprimida entre lÃminas de vidrio  
redonda la pupila maravillada  
por la anticipaciÃ³n del misterio: saber lo que era.

Â¿Lo que importa es observar o nombrar ?  
Me equivoco en la mirada temo a veces  
olvido el Ãrbol donde dejÃ© las llaves  
y el cuaderno, despuÃs no sÃ© decir  
quÃ© sea, especie o parentesco, encuentre aÃ³n  
sosiego en la lengua arcana de los plÃntanos  
mÃ;s allÃ de las placas del jardÃn botÃnico.  
Por lo tanto funciono mal, soy otra, fuera  
de la baraja, turista aquÃ- en medio

de lo que me gusta y me cuesta un poco.  
Pero nada estÃ dicho todavÃ-a (o lo estÃ) si insisto  
dentro de mi pequeÃ±a escala en esto yo  
es porque no me desconecto y toco y me equivoco  
con lo que estÃ a la vista, lengua  
cruda clara en cielo salvaje

Â

Alice

CorazÃ³n-martillo, ataÃ³d-clavos, pasiÃ³n-fraude.  
Shakespeare muriÃ³ en abril en un viejo calendario  
escribiÃ³ Â«las alegrÃ-as extremas tienen fines extremos Â»  
y labrÃ³ con pena la muerte del amor romÃntico.  
Desde entonces miles de amantes son casos de estudio  
en los centros de investigaciÃ³n de occidente mujeres y hombres  
son manoseados por la nuca y se devoran mutuamente  
y en el jueves santo â€”con quÃ© dificultad se reconocen en el flÃor  
de los faroles, pantallas, salas diversas de oficinas y hotelesâ€”  
nos escudriÃ±an, clasificando en la madrugada los silenciosos  
azules, que tienen sueÃ±os mÃs flacos que salarios.

De ti espero lo que no se te ocurre preguntar, tengo  
para mostrarte este mundo lleno de errores.  
El mundo estÃ lleno. De muertos que no llegan  
a caer. El mundo estÃ lleno de muertos que son vivos  
con poca sed. El mundo estÃ lleno de jÃvenes  
que se escurren en sueÃ±os sÃlidos en dos dÃ-as resucitan  
en el tercero sin redenciÃ³n, sin nadie que les tome  
el pulso ni lo que tomaron o les dieron en exceso.  
Te pido perdÃ³n y compresiÃ³n por tantas decepciones  
que el garrote de la madurez no mata, descubrirÃs

un dÃ-a lo que es terrible de enfrentar. El mundo estÃ lleno  
de adultos sin soluciones de continuidad se tambalean  
sobre las olas sobre extensas fallas tectÃnicas, el mundo  
estÃ lleno de apÃticos convulsos terremotos domÃsticos  
torpedos en casas de reposo pintorescas villas barridas

del mapa donde había plazas piscinas limonadas y matinaes  
de domingo, había cruceros y esquinas y ojos blancos  
vagabundos mirando al cielo. El mundo está lleno de alambradas  
grandes migraciones hacia lugares peores inoculados  
de mohos que no se erradican mas disparan los ndices  
de las publicaciones científicas, t o vivirás un día donde tendrás

que adaptarte   donde accidentalmente espero que encuentres  
variaciones. El mundo está lleno de rebeldes que son  
ambivalentes mansos extendiendo rollos negros  
de linóleo donde nada se puede leer; cubren con ellos  
minas de las guerras de todos los padres, rechazan pacientes  
dotes milenarias de insensatez y deciden que el remedio  
es realizar movimientos de danza contra el precario amparo  
de que haya un suelo donde caer. Espero de ti justicia, franqueza  
y desconocimiento del miedo y resistencia a teorías  
de la conspiración si es posible además de la total imaginación  
de los demás, la distracción que entrena al turista para tener valor.

Pensamiento mágico, el que sea necesario, hija, espero encuentres  
también: que tu existencia es en parte el resultado  
de una suma de intensidades; del surgimiento de absolutos  
y aflicciones; ajustes de colisiones, juramentos corregidos, injurias  
de afectuosos detalles. Espero de ti no menos y mucho  
más: el tipo de humor capaz de dar en el blanco y atenuar  
el escalofrío de la indiferencia, el olvido que nos inunda  
cuando nos deslumbran aspectos sucesivos sin un previo  
recuerdo, solicitud, curiosidad, el filtro  
amoroso dulce si es posible y casi sin diluir.

  Versiones del portugués de Blanca Luz Pulido

Diana

 «Eu c  também n o gosto, h  mais coisas / al m deste desconchavo », dizia Marianne / Moore da poesia. De  
resto, conseguia / ver mitoc ndrias e as demais / pequenas vidas   olho fixo / na mi da mancha de aquarela /  
comprimida entre vidros de lamela / redonda a pupila em maravilha / prévia ao mistério: saber o que era. // Mais importa  
observar ou designar? / Eu erro no olhar receio   s vezes / esqueço a árvore onde deixei as chaves / e o caderno,  
depois não sei chamar / o quê, espécie ou parentesco, ache embora / sossego na língua arcana dos pl ntanos / atrás  
das placas do jardim bot nico. / Portanto sirvo mal, sou outra, fora / do baralho, turista aqui em tanto // do que me d   
prazer e algum trabalho. / Mas não está dito ainda (ou está) se insisto /   minha pouca escala nisto eu /   porque  
não desligo e toco e falho / no material   vista, língua / crua clara em bruto c 

Alice

Coração-martelo, caixão-pregos, paixão-fraude. / Shakespeare morreu em abril num velho calendário / escreveu  
 «as alegrias extremas têm fins extremos » / e lavrou com pena o óbito do amor rom ntico. / Desde a - montes de  
amantes são estudos de caso / nos centros de investiga o do ocidente mulheres e homens / são manuseados pela  
nuca devorando-se mutuamente / e   s trevas   com que dificuldade se reconhecem no fl or / de faróis, ecrãs, salões  
vários de escritórios e hotéis /   vasculham-nos, arrumando pela madrugada os silenciosos / azuis, que têm sonhos  
mais magros que salários. // Espero de ti o que não te ocorre perguntar, tenho / para te apontar este mundo cheio de  
lapsos. / O mundo está cheio. De mortos que não chegam / a cair. O mundo está cheio de mortos que são vivos / de  
pouca sede. O mundo está cheio de jovens / que escorregam em sonos s lidos em dois dias ressuscitam / ao terceiro  
sem reden o, sem ninguém que lhes verifique / o pulso ou o que tomaram ou lhes deram em excesso. / Pe o de ti  
desculpa e compreensão pelas tantas dece es / que o garrote da maturidade não estanca, descobrir s // um dia o  
que   tremendo de enfrentar. O mundo está cheio / de adultos sem separáveis de solu es cambaleiam / por cima de  
ondas sobre longas falhas tect nicas, o mundo / está cheio de ap ticos convulsos terremotos dom sticos / torpedos  
em casas de repouso pitorescas vilas varridas / do mapa onde havia pra sas piscinas gasosas e matinaes / de domingo,  
havia cruzamentos e esquinas e olhos blancos / vagabundos voltados ao c . O mundo está cheio de arames / grandes  
migr es para lugares piores inoculados / de bolores que não saram mas disparam os ndices / das publica es  
científicas, tu morar s um dia onde terás // de balançar   de que accidentalmente espero encontrarás / cambiantes. O  
mundo está cheio de revoltos que são / ambivalentes mansos desenrolando rolos negros / de linóleo onde nada se  
pode ler; cobrem com eles / minas das guerras de todos os pais, rejeitam pacientes / dotes milenares de insensatez e  
resolvem que lhes resta / tra sar movimentos de dan sa contra o precário amparo / de haver chão onde cair. Espero de  
ti justiça, franqueza / e desconhecimento do medo e resistência a teorias / da conspira o se possível a par da  
inteira imagina o / dos outros, a distra o que treina o turista para a coragem. // Pensamento mágico quanto baste,

---

filha, espero acharÃs / coincidentemente: que a tua existÃncia resultou em parte / do encontro de intensidades; ter havido absolutos / e afliÃÃes, ajustes de colisÃes, juras retocadas, vergonhas / readmitidas, correspondÃncias interrompidas, injÃrias / de afetuoso pormenor. Espero de ti nÃo menos e tudo / mais: o tipo de humor capaz de acertar e relevar / ao arrepio da indiferenÃa, o esquecimento que nos dÃ / deslumbrarem-nos aspetos sucessivos sem anterior / recordaÃÃo, solicitude, curiosidade, o filtro / amoroso doce se possÃ-vel na mÃ-nima diluiÃÃo.